

D. FREI FRANCISCO RENDEIRO, O. P.
BISPO DO ALGARVE

PROBLEMA
DE CLERO
NO ALGARVE





Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel 2-2

Biblioteca 204

Livro n.º 113

Cota n.º 484

113
D. FREI FRANCISCO RENDEIRO, O. P.
BISPO DO ALGARVE



Problema de Clero no Algarve

O MEIO SÉCULO PASSADO
PERSPECTIVAS DE FUTURO
A OBRA DAS VOCAÇÕES
ESTATÍSTICA

Casa da Cultura António Bentes
Biblioteca



Problema de Clero no Algarve

O recrutamento sacerdotal é o primeiro problema de uma Diocese, é a garantia da sua vida e a esperança do seu apostolado.

Ao olharmos para o que se passa no mundo, verificamos como é verdadeira a palavra do Senhor: *A messe é grande e os obreiros poucos.* (Mat. 9/37). Está ainda para além das fronteiras das nossas perspectivas o dia em que porventura venha a ser suficiente o número de sacerdotes.

Encontramos o problema do recrutamento sacerdotal à frente das preocupações de toda a Hierarquia da Igreja.

Pelo que toca à nossa Diocese queremos lançar um olhar para o meio século que vai quase decorrido após 1910 e colher a lição que nos permita orientar melhor os nossos trabalhos futuros e fundamentar as nossas esperanças.

O MEIO SÉCULO PASSADO

MAPA I. — SACERDOTES PRESENTES NA DIOCESE POR VIGARARIAS

	1908 (a)	1918 (b)	1959
Albufeira	6	11	5
Alcoutim (c)	7	—	—
Castro Marim	5	5	3
Faro	35	21	21
Lagoa	7	6	3
Lagos	7	4	5
Loulé	15	9	9
Monchique	6	3	4
Olhão (d)	—	—	7
Portimão	5	5	3
S. Brás (d)	—	5	3
Silves	9	7	7
Tavira	14	8	4
Vila do Bispo	3	2	1
TOTAL	119	86	75

(a) Dados da Obra *Memórias para a História Eclesiástica do Bispado do Algarve*, por Athaide de Oliveira, 1908 pág. 163.

(b) Dados da obra *Relatório do Movimento Religioso da Diocese do Algarve*, Faro, 1919.

(c) A Vigararia de Alcoutim foi incorporada nas de Castro Marim e S. Brás.

(d) As Vigararias de Olhão e S. Brás foram desmembradas da de Faro.

No primeiro Mapa podemos ver, por Vigararias, o clero presente na Diocese em 1908, 1918 e 1959.

O primeiro facto que aparece à leitura desse Mapa é a progressiva diminuição do clero, que em 50 anos ficou quase reduzido à metade: 119 para 75.

O advento da República em 1910 reflectiu-se profundamente no recrutamento sacerdotal. Em primeiro lugar um número considerável de Sacerdotes deixaram a Diocese, a maior parte deles para não mais voltarem. Em 1918 os dados que possuímos ainda acusam 13 sacerdotes ausentes.

O Seminário teve de dispersar-se, e só a pouco e pouco se reorganizou, com grande quebra no ritmo das admissões e no das ordenações.

MAPA II. SEMINARISTAS ADMITIDOS E SACERDOTES ORDENADOS

	Admissões	Ordenações
1947	10	2
1948	8	3
1949	5	1
1950	11	3
1951	11	0
1952	7	0
1953	27	0
1954	34	1
1955	33	0
1956	27	1
1957	21	2
1958	29	0
Por Décénios		
1910 a 1920	37	9
1921 a 1930	86	5
1931 a 1940	97	22
1941 a 1950	75	24
1951 a 1958	189	4

O segundo Mapa dá-nos os números de admissões desde 1947 (correspondentes aos cursos ainda no Seminário), o número de ordenações no mesmo período, e finalmente, por decénios, as admissões e ordenações.

Para melhor entendimento deste Mapa recordemos que nos últimos dez anos da Monarquia ordenaram-se cerca de 40 sacerdotes. Esse número nunca mais foi atingido até hoje.

Nos primeiros dez anos da República a quebra das ordenações foi extraordinária. É que a maior parte dos Seminaristas de 1910 (eram cerca de 40) debandaram para não mais voltarem. Voltaram apenas aqueles cuja vocação era mais firme, e dos quais se ordenaram 8 entre 1910 e 1914, e um em 1919. Destes seminaristas, que na hora da provação escolheram o sacerdócio, só restam vivos 3.

Se foi pequeno o número de ordenações no primeiro decénio da República, mais pequeno foi ainda no segundo, reflexo evidente da

quebra de admissões e mesmo da enorme baixa da percentagem de aproveitamento. Para se ajuizar a que ponto ficámos reduzidos, basta dizer que de 1915 a 1928, longo período de 14 anos, apenas se ordenaram 3 sacerdotes.

Em 1920, em condições sociais mais favoráveis, o Nosso saudoso Antecessor, que então assumia o governo da Diocese, deu um considerável impulso ao problema do recrutamento sacerdotal. O número de admissões até 1940 toma um ritmo mais seguro, e verifica-se mesmo uma elevada percentagem de aproveitamento. De 1921 a 1940 entraram no Seminário 183 candidatos, dos quais se ordenaram 46. É o período mais florescente do recrutamento sacerdotal neste meio século.

Infelizmente em 1940 ia processar-se uma nova quebra. O número de admissões nesse decénio desce bastante e a percentagem de aproveitamento atinge o nível mais baixo (8%), pois apenas se ordenaram 4 sacerdotes (aos quais havemos de acrescentar 2 seminaristas teólogos, que pertencem a esse período de recrutamento e ainda esperam a hora da ordenação).

Ao analisarmos hoje esta curva descendente, não podemos deixar de lamentar o afrouxamento no ritmo de admissões nesse decénio de 1941/50. Já estamos a sentir os seus desastrosos efeitos, ao vermos passar os anos seguidos vazios de ordenações.

A enorme queda na percentagem de aproveitamento desse mesmo decénio é fenómeno geral no país, embora mais acentuado na nossa Diocese. Atribuimo-lo, sobretudo entre nós, ao desenvolvimento económico e cultural que revelou a pouca solidez do ideal sacerdotal nas famílias. As que antes mandavam os filhos para o Seminário, desde que tenham hoje alguns recursos materiais, mandam-nos para os Liceus e para as Escolas Técnicas. É um facto que, afinal, não devemos lamentar, pois acabará por trazer grandes benefícios à Igreja no apuramento da qualidade das vocações sacerdotais. Neste ponto o que já se verifica é a vinda para o Seminário de alguns candidatos, filhos de famílias remediadas, que facilmente lhes poderiam dar um curso civil. Estamos convencidos de que, no futuro, o recrutamento sacerdotal se fará sobretudo nas famílias desse nível social, à medida que a vida cristã despertar nelas a consciência do valor da vocação sacerdotal.

PERSPECTIVAS DE FUTURO

Temos que arrostar com a pesada herança de um passado em que o recrutamento sacerdotal se tem feito em condições particularmente difíceis. Mas por isso mesmo temos que enfrentar o futuro com decisão, afim de melhorarmos, tanto quanto possível, essas condições.

É sempre muito difícil prever o futuro, nem temos a ilusão de pretender resolver o problema do nosso clero no decurso normal da vida que o Senhor Nos possa conceder. Entretanto parece-nos que podemos olhar para a frente com esperanças alentadoras.

O Mapa II mostra-nos ainda que o decénio actual acusa um número de admissões nunca atingido no passado. No presente ano lectivo o número de seminaristas atingiu uma centena, correspon-

dendo a 223 admissões, que tantas são as que se realizaram nos anos a que pertencem os cursos actualmente no Seminário, isto é, desde 1947 até agora.

Ora em face destes dados, e na medida em que é lícito fazer previsões em matéria tão contingente, talvez possamos esperar: primeiro, que o ritmo das nossas admissões no Seminário não desça a menos de 25 por ano (já ultrapassámos esta média nos últimos seis anos); segundo, que a percentagem de aproveitamento não desça a menos de 12% (a média do país nestes últimos anos tem sido de 15 a 20%).

E assim, quando os actuais seminaristas do 1.º ano chegarem ao fim do seu curso, em 1970, será lícito contar com 26 sacerdotes ordenados e mais 250 seminaristas admitidos. Estes, por sua vez, em 1980 terão dado cerca de 30 novos sacerdotes.

E se a média da vida não baixar, é lícito esperar que ainda sejam vivos 45 dos sacerdotes já hoje ordenados, que então contarão 70 anos (hoje temos 19 sacerdotes com mais de 70 anos, quase todos ainda a trabalhar).

Assim as perspectivas dos próximos 20 anos, até 1980, permitem-nos esperar que tenhamos então cerca de 90 sacerdotes. Parece-nos que não é lícito a um homem fazer projectos nesta matéria para além de tal período, e ainda assim é necessário que não surjam imponderáveis que venham alterar consideravelmente estas perspectivas. Não esqueçamos que nesta matéria a matemática é a ciência menos exacta. E se nos atrevemos a fazer contas é apenas pelo ardente desejo de vermos a solução para o maior problema que angustia a Nossa vida pastoral.

* * *

As vocações pedem-se a Deus. E o Senhor quem manda obreiros para a sua vinha. E, se a nossa Diocese está tão necessitada deles, temos que fazer violência ao Céu, pedindo ao Senhor que mande muitos bons seminaristas para o nosso Seminário e que lhes dê a graça da santa perseverança no caminho do sacerdócio.

Mas as vocações também se cultivam. Não podemos ficar à espera que surjam espontaneamente na alma das crianças.

A vocação é, sem dúvida, germen de graça que só Deus depõe na alma dos seus eleitos; mas a nós compete trabalhar para criar o ambiente necessário ao desenvolvimento desse germen precioso.

A cultura das vocações pertence em primeiro lugar às famílias. É preciso que os pais cristãos compreendam a honra sublime que Deus lhes dá quando lhes toma um filho para o seu serviço. A graça da vocação sacerdotal deveria estar sempre na intenção dos pais que rezam a Deus pelo futuro dos seus filhos.

A cultura das vocações pertence também às Paróquias. Um pároco zeloso terá nas suas principais preocupações a formação das crianças de tal modo que o Senhor venha escolher alguma para o seu serviço. No fim da vida, uma das maiores consolações do pastor de almas será sem dúvida a certeza de que trabalhou para dar à Igreja alguém que continue a sua obra.

No terceiro Mapa podemos ver o contributo de cada Paróquia para a resolução do problema sacerdotal.

Na primeira coluna estão os sacerdotes ordenados até 1910 e ainda vivos. São 18 e ainda se encontram quase todos ao serviço da nossa Diocese, carregados de méritos e de anos. Eles representam a geração que se ordenou no último decénio da Monarquia sob a égide do grande Bispo que foi D. António Mendes Belo.

Na segunda coluna temos as admissões realizadas entre 1910 e 1946, isto é, o período correspondente às ordenações realizadas até hoje. Estas vêm-se na terceira coluna.

As duas últimas colunas dizem respeito às admissões feitas depois de 1947 e correspondentes aos cursos ainda no Seminário, e finalmente os seminaristas que restam dessas admissões.

O pequeno número de sacerdotes e de seminaristas não permite estabelecer confrontos muito seguros entre a prática da vida cristã na Paróquia e as vocações, nem estabelecer criteriosamente as percentagens de aproveitamento destas. Entretanto, olhando para as Paróquias que deram 3 ou mais sacerdotes, é fácil verificar, no seu conjunto, que são as de vida cristã mais intensa. Nem outra coisa seria de esperar, pois só por grande excepção uma vocação desabrocha e se mantém em meio desfavorável.

É das Paróquias de vida cristã mais intensa que temos de esperar as futuras vocações. As outras só darão sacerdotes na medida em que as famílias se tornarem penetráveis ao ideal cristão.

A OBRA DAS VOCAÇÕES

A Obra das Vocações Sacerdotais, com o nome de LIGA DOS AMIGOS DO SEMINÁRIO, está organizada na nossa Diocese há muitos anos. Temos procurado estendê-la a todas as Paróquias para interessar por este magno problema o maior número possível de fieis. Até agora só está organizada em 45 Paróquias, com um total de 3.393 associados.

É considerável o auxilio, sobretudo material, que esta obra tem prestado ao nosso Seminário. Em cada ano se publicam os respectivos donativos.

E Nosso desejo dotar a LIGA, num futuro que Deus queira não venha muito longe, com Estatutos próprios que lhe permitam desenvolver mais uniformemente a sua acção.

Enquanto o não fizermos, queremos indicar os princípios fundamentais que devem orientar a LIGA. Tiramo-los dos Estatutos Pontifícios, que servem de base à obra das vocações em todas as Dioceses.

- I — A Obra é criada para DEFENDER, ESTIMULAR E AJUDAR AS Vocações SACERDOTAIS.
- II — CUIDA EM PRIMEIRO LUGAR DE PROPAGAR A VERDADEIRA E CLARA NOÇÃO DA NATUREZA, NECESSIDADE E EXCELÊNCIA DO SACERDÓCIO.
- III — PROMOVE o oferecimento de Missas, Comunhões, orações, obras de penitência e caridade, para que Deus conceda muitas e óptimas Vocações Sacerdotais.

Que todos os Amigos do Seminário tenham bem presentes estas normas, que poderíamos traduzir assim, segundo as necessidades da nossa Diocese:

- 1) Tornar a vocação sacerdotal mais conhecida e mais estimada.
- 2) Oferecer orações e sacrifícios pelas vocações sacerdotais.
- 3) Encaminhar para o Seminário os meninos que pareçam dotados de qualidades para o sacerdócio.
- 4) Procurar os meios materiais de sustentação do nosso Seminário.

No sexto aniversário da Nossa entrada na Diocese queremos dizer a todos os Nossos Diocesanos que contamos com eles para resolvermos o problema do Clero no Algarve.

Faro, 3 de Maio de 1959

† *fr. Francisco Rendeiro, O. P., Bispo do Algarve*

Admissões, Ordenações e actuais Seminaristas

Admissões, Ordenações e actuais Seminaristas

Por Vigararias e Paróquias	Secord. Ord. antes de 1910	Admissões entre 1910-1946	Ordenações entre 1910-1958	Admissões de 1947 a 1958	Actuais Seminaristas 1958-59
ALBUFEIRA					
Albufeira	—	5	2	10	1
Guia	—	5	1	1	1
Paderne	—	11	3	4	1
Pera	2	11	1	3	1
CASTRO MARIM					
Alcoutim	—	4	—	5	—
Azínhal	—	2	—	1	—
Castro Marim	—	2	—	1	1
Glões	—	—	—	1	1
Odeleite	—	1	—	—	—
Pereiro	—	—	—	2	1
V. Real de St.º António	1	9	2	3	—
F A R O					
Almançill	2	3	1	2	—
Conceição de Faro	—	—	—	1	—
Estoi	—	2	—	2	—
Faro — Sé	—	9	4	1	—
Faro — S. Pedro	—	7	1	2	1
Nexe	—	—	—	3	2
L A G O A					
Estombar	—	8	2	1	1
Ferragudo	—	5	2	8	3
Lagoa	2	17	3	5	2
Porches	2	6	2	3	2
L A G O S					
Aljezur	—	5	2	2	—
Bensafrim	—	—	—	2	1
Budens	—	1	1	2	—
S. Maria	—	3	—	2	2
S. Sebastião	—	1	—	4	2
Odesseixe	—	—	—	—	—
Odiáxere <i>Luz</i>	—	1	—	—	—
L O U L E					
Alte	—	8	1	3	2
Boliqueime	—	9	4	2	1
S. Clemente	1	11	4	3	2
S. Sebastião	—	12	2	3	1
Quarteira	—	5	1	4	2
Querença	—	4	—	—	—
Salir	—	3	—	5	2
MONCHIQUE					
Alferce	—	—	—	2	1
Marmeleite	—	3	2	3	3
Monchique	—	8	3	6	3
O L H A O					
Fuzeta	1	3	—	3	2
Moncarapacho	—	1	—	3	2
Olhão	2	2	—	3	2
Pechão	—	1	—	—	—
Quelfes	—	—	—	2	—

Por Vigararias e Paróquias	Sacerd. Ord. antes de 1910	Admissões entre 1910-1946	Ordenações entre 1910-1958	Admissões de 1947 a 1958	Actuals Seminaristas 1958-59
PORTIMÃO					
Alvor	—	—	—	4	1
Mexilhoeira	1	1	—	3	1
Portimão	1	5	1	8	3
S. BRÁS					
Ameixial	—	—	—	8	3
Cachopo	—	1	—	1	—
Martinlongo	—	2	—	—	—
S. Brás	—	8	3	1	—
Vaqueiros	—	1	—	—	—
SILVES					
Alcantarilha	—	8	3	7	3
Algôs	1	3	—	1	1
Messines	—	9	1	2	—
S. Marcos	—	—	—	1	1
Silves	—	5	1	3	2
TAVIRA					
Cacela	—	2	2	3	1
Conceição	—	1	—	—	—
S. Estevão	1	—	—	—	—
S. Catarina	—	—	—	1	—
Luz	1	1	—	—	—
Santiago	—	3	1	—	—
S. Maria	—	7	3	2	—
VILA DO BISPO					
Bordeira	—	—	—	—	—
Raposeira	—	1	—	—	—
Sagres	—	—	—	2	2
Vila do Bispo	—	1	1	1	—
POR VIGARARIAS					
ALBUFEIRA	2	32	7	18	4
CASTRO MARIM	1	18	2	13	3
FARO	2	21	6	11	3
LAGOA	4	36	9	17	8
LAGOS	—	12	4	12	5
LOULÉ	1	52	12	20	10
MONCHIQUE	—	11	5	11	7
OLHÃO	3	7	—	11	6
PORTIMÃO	2	6	1	15	5
S. BRÁS	—	12	3	10	3
SILVES	1	25	5	14	7
TAVIRA	2	14	6	6	1
V. DO BISPO	—	2	1	4	2
Total da Diocese	18	248	61	162	64
DE FORA DA DIOCESE	—	13	3	61	36
TOTAL	18	261	64	223	100

MAPA ESTATÍSTICO DO CLERO DO ALGARVE

NOMES	CARGOS	Ano do nascimento	Ano da ordenação
VIGARARIA DE ALBUFEIRA			
José Manuel Semedo Azevedo	Pároco de Albufeira	1907	1931
José Lourenço	dispensado	1875	1898
Leonel Diogo Ramos	Pároco da Guia	1911	1934
Jaime dos Santos Reis	Pároco de Paderne	1920	1948
José de Carvalho Carrusca	Pároco de Pera e Porches	1918	1944
VIGARARIA DE CASTRO MARIM			
Joaquim Humberto Galhardo Palmeira	Vigário da Vara de C. Marim e Pároco de V. R. S. António	1917	1940
António Oliveiros Henriques (b)	Pároco de Castro Marim, Azinhal e Odeleite		
Joaquim Fernandes Pinheiro Moreira (a)	Pároco de Alcoutim, Giões e Pereiro	1927	1954
VIGARARIA DE FARO			
Francisco Rendeiro	Bispo do Algarve	1915	1940
Manuel Francisco Pardal	C., Vigário Geral e Vigário da Vara de Faro e S. Brás	1896	1919
José Augusto Vieira Falé	Cónego e Professor	1915	1939
José Cabrita	Cónego e Arquivista	1917	1939
Henrique Ferreira da Silva	Cónego e Vice-Reitor do Sem.º	1925	1948
Joaquim Jorge de Sousa	Beneficiado Cap., Pároco da Conceição e Prof. do Seminário	1911	1937
José António Nobre Duarte	Beneficiado Cap. e Director Espiritual do Seminário	1924	1950
Manuel António Garrão	Beneficiado Cap. e Prof.	1927	1950
José Gomes da Encarnação	Pároco de S. Pedro	1911	1933
Joaquim da Silva Araujo (c)	Pároco interino da Sé	1916	1946
Francisco José Baptista	dispensado	1881	1903
Carlos do Nascimento Patrício	Assistente da A. Cat. e Prof.	1920	1943
Clementino de Brito Finto	Professor e Vigário Coop. de Almancil	1924	1947
António Domingos Fernandes (c)	Vig. Cooperador de S. Pedro	1918	1942
David Gonçalves Sequeira	Professor e Prefeito do Sem.º	1931	1956
Manuel de Jesus Dias Simões (c)			
Orival Teixeira Pinto (c)	Professor e Prefeito do Sem.º	1930	1957
	Prof., Pref. do Sem.º e Pároco do Ameixial	1932	1957
José Pedro Leal	Pároco de Almancil	1878	1901
Manuel Bárbara	Pároco de Estoi	1913	1935
Jacinto Guerreiro Rosa	Pároco de Santa Bárbara	1920	1944
Manuel de Mendonça Rita	dispensado	1884	1907

NOMES	CARGOS	Ano de nascimento	Ano da ordenação
VIGARARIA DE LAGOA			
António dos Santos Mendes	Pároco de Estombar	1884	1908
Manuel Coelho Gomes	Pároco de Lagoa	1916	1941
Inácio dos Santos Negrão	dispensado	1865	1889
LAGOS			
António Martins de Oliveira	Pároco de Aljezur, Bordeira e Odesseixe	1916	1940
José António Monteiro	Pároco de S. Sebastião e S. Maria	1900	1924
Francisco António do Carmo	Beneficiado Cap., dispensado	1880	1905
Domingos Duarte	Pároco de Bensafrim e Luz	1914	1937
João Alves Araujo (b)	Pároco de Odiáxere	1910	1937
VIGARARIA DE LOULÉ			
João Coelho Cabanita	Pároco de S. Clemente e Vig. da Vara de Loulé e Albufeira	1918	1941
Joaquim da Palma Viegas	Pároco de S. Sebastião	1882	1909
Luís Celato (c)	Vigário Ajud. de S. Sebast. dispensado	1921	1948
João Baptista Peres	Pároco de Alte	1882	1910
Jorge Vicente de Passos		1916	1940
Sebastião Amândio Viegas Costa	Pároco de Boliqueime	1925	1949
António Lopes da Cruz	Pároco de Quarteira	1908	1936
João de Jesus Martins	Pároco de Querença	1917	1940
João Vicente Duarte da Costa	Pároco de Salir	1902	1929
VIGARARIA DE MONCHIQUE			
Francisco Jorge de Melo	Vigário da Vara e Pároco de Monchique e Alferce	1891	1914
José Jorge de Melo	Vig. Coop. de Monchique	1910	1933
Fernando António Marques (c)	Professor	1927	1951
Crisanto Baena Rivas (b)	Pároco de Marmeleiro	1900	1925
VIGARARIA DE OLHAO			
António Baptista Delgado	Cónego, Vigário da Vara e Pároco de Olhão	1884	1909
Francisco da Costa Rita	Vig. Coop. de Olhão	1919	1944
Américo Gomes dos Santos (c)	Pároco da Fuzeta	1919	1944
Isidoro Domingos da Silva	Pároco de Moncarapacho	1909	1937
Manuel de Castro	Pároco de Quelfes e Pechão	1918	1944
António de Jesus Alagaia	dispensado	1872	1899
Francisco Lucas Pacheco	dispensado	1877	1902
VIGARARIA DE PORTIMÃO			
Manuel Vitorino Correia	Vigário da Vara de Portimão, Lagoa, Lagos e Vila do Bispo e Pároco de Portimão e Ferragudo	1911	1934
João Martiniano Correia de Matos	Vig. Coop. de Portimão	1916	1940
David José Marreiros Neto	Pároco de Alvôr e Mexilhoeira	1902	1929

NOMES	CARGOS	Ano do Nascimento	Ano da ordenação
VIGARARIA DE S. BRÁS			
João de Sena Neto	Pároco de S. Brás	1883	1907
António Inácio	Vig. Coop. de S. Brás	1910	1939
Júlio Alves de Oliveira	Pároco de Cachopo, Martinlongo e Vaqueiros	1909	1932
VIGARARIA DE SILVES			
José Januário Cabrita	Vigário da Vara e Pároco de Silves	1881	1907
José dos Santos Oliveira	Professor	1920	1944
José de Jesus Montes	Pároco de Alcantarilha	1885	1909
Manuel João Neto	Pároco de Algôs	1884	1908
José da Silva Lola	Pároco de Messines	1878	1905
João José Guerreiro	Vig. Ajud. de Messines	1924	1946
Vicente Alves Araujo (a)	Pároco de S. Marcos	1915	1941
VIGARARIA DE TAVIRA			
António do Nascimento Patrício	Vig. da Vara de Tavira e Pároco de S. Maria e S. Tiago	1918	1941
António Manuel Nobre	Pároco de Cacela e Concelção	1917	1941
Manuel Garcia Dias Gonzalez	Pároco de Santa Catarina	1904	1948
José Arsénio Aguas	Pároco da Luz e Santo Estevão	1910	1934
VIGARARIA DE VILA DO BISPO			
Manuel Madeira Clemente	Pároco de Vila do Bispo, Budens, Raposeira e Sagres	1919	1944
FORA DA DIOCESE			
Luís Manuel Vieira	no Brasil	1875	1898
João Machado Gonçalves	em Lisboa	1882	1906
Sezinando Oliveira Rosa	em Lisboa, nos Serviços centrais da Acção Catól., Cónego da Sé de Faro	1911	1934
António Mateus da Silva	em Lisboa	1921	1944
José Paulo Nunes	em Lisboa	1924	1947
Eudoro dos Santos Vieira	em Lisboa	1926	1950
Joaquim Luís Cupertino	estudante na Univ. Gregoriana de Roma	1929	1957
Analide Coelho Guerreiro	estudante na Univ. Gregoriana de Roma	1931	1957

(a) sacerdotes naturais de outras Dioceses, e ordenados e incardinados nesta.

(b) sacerdotes ordenados nou-

tras Dioceses e incardinados nesta.

(c) sacerdotes ainda não incardinados nesta Diocese.

Casa da Cultura Amónio Bentes
Biblioteca

1959
Tipografia União
F A R O



Casa da Cultura Antônio Bentes
Biblioteca